

TÓPICOS ESPECIAIS EM TEORIA DA HISTÓRIA 2 (HIS 0032)

Historicismo: problema, conceito e ressonâncias

2024.1

[1ª versão; ajustes ainda poderão ser feitos até o início do semestre]

Quartas-feiras, 14h00-17h50

Moodle: <https://aprender3.unb.br/course/view.php?id=22185>

Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis
arthurassis@unb.br

Estruturado na forma de seminário de pesquisa, o curso pretende revisar parte da literatura clássica e contemporânea acerca do tema do historicismo. Está dirigido, primariamente, a estudantes de história com interesses teóricos e a estudantes de filosofia de inclinação histórica. Porém, será bem-vinda(o) quem quer que esteja motivado para acompanhar as discussões propostas. A disciplina optativa presta-se ao aprofundamento de temas discutidos na disciplina obrigatória de teoria da história, mas vale também como uma tentativa de estabelecer pontes interdisciplinares e como uma iniciação à pesquisa em história intelectual. Em caso de dúvidas, os interessados podem fazer contato prévio comigo através do endereço de e-mail que consta acima.

“Historicismo” remete, no mínimo, a um conceito que define abordagens nas ciências humanas e na filosofia modernas, a uma tendência intelectual cujo ápice se deu por volta da metade do século 19 e a um problema cultural intensamente discutido desde a virada para o século 20. Por essa razão, é difícil oferecer uma definição simples que unifique todos os significados associados ao termo. A mais geral de todas, e talvez também a melhor, é a de Ernst Troeltsch que fala em “historicização fundamental do nosso pensamento sobre os seres humanos, sua cultura e seus valores”, ainda que o termo “historicização” aqui esteja longe de ser isento de ambiguidades.

No curso, tal definição será o nosso ponto de partida para uma reflexão que se vai desdobrar nas muitas dimensões do fenômeno, do conceito e do problema do historicismo. Começaremos com um exercício de dissecação dos muitos significados ativáveis pelo conceito, com destaque para o “historicismo” como a designação de um modo especificamente moderno de visão do mundo, de um lado, e de teoria do conhecimento, do outro. Lançaremos, em seguida o olhar para a história e a historiografia do historicismo,

com vistas a mapearmos as principais soluções para a questão genealógica fundamental que circunda o tema, qual seja: a partir de quando é plausível falar em “historicismo”?

Discutiremos, depois, as interfaces entre o modo historicista de pensar/configurar a realidade e importantes dimensões da vida sociocultural moderna. Serão examinadas, nesse sentido, consequências da historicização do mundo natural, das fontes da fé religiosa, bem como da noção meta-filosófica, meta-científica e meta-política de razão. Também dedicaremos particular atenção à temática do relativismo, um conjunto de problemas filosóficos e axiológicos frequentemente pressuposto como efeito colateral da historicização. O diagnóstico da “crise do historicismo”, associado à percepção da desestabilização de valores antes sublinhados como imutáveis, absolutos ou universais (natureza, fé, razão, ciência, entre outros) conduziu, ao longo do século 20, à formulação de abordagens históricas e filosóficas declaradamente anti-historicistas, algumas das quais serão introduzidas na metade final do seminário. O curso encerra-se com o exame de críticas e reapreciações relativamente à pertinência e atualidade do historicismo tanto no cenário filosófico como no historiográfico.

Sistema de avaliação

A menção final será definida de acordo com o desempenho em diferentes procedimentos avaliativos:

- **50%** da menção final corresponderá à nota de participação;
- **50%** da menção final corresponderá à nota obtida no trabalho final.

A nota de participação avaliará o envolvimento geral dos estudantes com o curso. Os critérios dessa avaliação são: presença às aulas, participação nas discussões, e, especialmente, leitura dos textos da bibliografia do curso, atestada mediante comentários e perguntas formuladas por escrito e apresentadas em sala de aula. Esse último quesito pesará fortemente na composição da nota de participação.

Os comentários/questões devem ser formulados num texto que contenha no mínimo 500 palavras, a ser postado na plataforma Aprender UnB 3 antes do início da aula correspondente. Devem, em seguida, ser validados mediante breve apresentação em sala de aula. Para ter uma boa nota de participação, cada estudante deverá postar pelo menos três desses comentários/perguntas, apresentando-os oralmente na aula em que esteja prevista a discussão do texto referido. A contagem do número de comentários/perguntas realizados será feita por sessão e não por texto comentado. O objetivo dessa atividade é estimular a leitura crítica da bibliografia do curso e fornecer material para discussões e aprofundamentos a serem feitos durante as aulas.

O trabalho final consistirá num ensaio de cerca de 1.500 palavras sobre o tema do historicismo. A maior exigência é que o texto “dialogue” com pelo menos três dos textos lidos ao longo do curso, além de, pelo menos, mais dois outros textos que não constam da bibliografia e que você deve encontrar por si só (no site periodicos.capes.gov.br, p.e.). Uma recomendação é procurar, a partir do tema geral do historicismo, tratar de um aspecto particular (p.e.: a relação entre historicismo e iluminismo; a crítica do historicismo; religião e

historicismo; atualidade do historicismo). O ensaio deve observar os requisitos gramaticais e estilístico usuais para o gênero, além de fazer uso consistente de um sistema de referências bibliográficas. Deve também expressar coerência interna, criatividade, habilidade para decidir quanto à bibliografia pertinente ao tema escolhido e capacidade de diálogo intensivo com a bibliografia escolhida.

A primeira versão do ensaio deverá ser apresentada mais ou menos na metade do curso, em data definida no cronograma. O desempenho na apresentação da proposta de trabalho final será levado em conta na definição das notas finais.

Os trabalhos só serão recebidos através da página do curso na plataforma Aprender UnB 3. O conteúdo do trabalho deverá ser colado num campo de formulário; não serão aceitos anexos, em .doc ou .pdf, por exemplo. Por isso, é importante que o trabalho seja escrito sem notas de rodapé. Nas referências, o mais simples será usar o sistema autor-data. Ao submeter o trabalho na plataforma, deve-se autorizar que o mesmo passe pelo controle automatizado de plágio.

Trabalhos que tenham sido escritos para outros propósitos (p.e. no contexto de outros cursos) e/ou que não se ajustem aos temas e às bibliografias do presente curso receberão nota zero. Também em situações de plágio ou cola, a nota do trabalho ou exame em questão será zero. Plágio configura-se quando alguém apresenta como suas ideias ou passagens que na verdade foram desenvolvidas ou escritas por outrem. Essa noção de plágio aplica-se também a textos gerados com o suporte de tecnologias de inteligência artificial, como o ChatGPT e outras.

A efetivação da matrícula no curso pressupõe o compromisso em participar ativamente das aulas, lendo todos os textos e discutindo os temas propostos. Pressupõe também a concordância com o sistema de avaliação acima indicado e que será detalhado na aula de apresentação do programa.

Cronograma

<i>Data</i>	<i>Tópico</i>	<i>Leituras</i>
20.03	Aproximações iniciais	OBR. Georg G. Iggers (1995). "Historicism: The History and Meaning of the Term", <i>Journal of the History of Ideas</i> 56(1): 129-152. Maurice Mandelbaum (1971). <i>History, Man, and Reason. A Study in Nineteenth-Century Thought</i> . Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 41-49 [Cap. 2: "The Nature and Scope of Historicism"]. COMP. Servanne Jollivet (2022). "Historicism", in: <i>Bloomsbury History: Theory and Method</i> , org. Stefan Berger et al. Londres: Bloomsbury. Donald Kelley (2005). "Historicism", in: <i>New Dictionary of the History of Ideas</i> ,

		<p>Vol. 3, org. Maryanne Horowitz. Farmington Hills: Thomson Gale, 1000-1001.</p> <p>Arno Wehling (2001). <i>A invenção da história. Estudos sobre o historicismo</i>. Rio de Janeiro: Gama Filho, 21-41 [Cap. 1: “A temática do historicismo”]</p>
27.03	Visão de mundo	<p>OBR.</p> <p>Karl Mannheim (s.d.). “O historicismo”, in: K. Mannheim, <i>Sociologia do conhecimento I</i>. Porto: Rés, 117-184.</p> <p>Ernst Troeltsch (2010). “A crise atual da história”, in: <i>Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX</i>, org. Jurandir Malerba. Rio de Janeiro: FGV, 448-457.</p> <p>Joanne Myiang Cho (1995). “The Crisis of Historicism and Troeltsch’s Europeanism”. <i>History of European Ideas</i> 21: 195-207.</p> <p>COMP.</p> <p>Sérgio da Mata (2010). “Ernst Troeltsch”, in: <i>Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX</i>, org. Jurandir Malerba. Rio de Janeiro: FGV, 433-448.</p> <p>Robert D’Amico (2009) “Historicism”, in: <i>A Companion to the Philosophy of History and Historiography</i>, org. Aviezer Tucker. Malden: Blackwell, 243-252.</p>
03.04	Genealogias	<p>OBR.</p> <p>Friedrich Meinecke (2013). “A formação do historicismo: Considerações preliminares”, in: <i>Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX</i>, org. Jurandir Malerba. Rio de Janeiro: FGV, 263-271.</p> <p>Kasper Risbjerg Eskildsen (2022). <i>Modern Historiography in the Making: The German Sense of the Past</i>. Londres: Bloomsbury, 1-15; 119-123 [Intro + Epílogo].</p> <p>Zachary Schiffman (1985). “Renaissance Historicism Reconsidered”. <i>History and Theory</i> 24(2): 170-182.</p> <p>COMP.</p> <p>Benedetto Croce (2006). <i>História como história da liberdade</i>. Rio de Janeiro: Topbooks, 91-117 [Parte II: “O historicismo e sua história (trecho)”].</p>

		<p>Arthur Alfaix Assis (2013). "Friedrich Meinecke", in: Lições de história. Da historiografia científica à crítica da razão metódica, ed. Jurandir Malerba. Rio de Janeiro, FGV, 247-263.</p> <p>George Huppert (1966). "The Renaissance Background of Historicism". <i>History and Theory</i> 5(1): 48-60.</p> <p>Peter Hanns Reill (1975). <i>The German Enlightenment and the Rise of Historicism</i>. Los Angeles: University of California Press, 1-47 [Introduction; Cap. 1: "The Crisis of Historical Consciousness at the Dawn of the Aufklärung"; Cap. 2: "Form and Goal of the Aufklärung's Idea of History"].</p>
10.04	Epistemologia	<p>OBR.</p> <p>Frederick Beiser (2011). <i>The German Historicist Tradition</i>. Oxford: Oxford University Press, 1-26 [Intro: "The Concept and the Context of Historicism"].</p> <p>COMP.</p> <p>Sophie Marcotte-Chenard (2022). "The Critique of Historical Reason and the Challenge of Historicism". <i>Dialogue</i> 61(3): 553–74.</p> <p>Estevão de Rezende Martins (2002). "Historicismo. Tese, legado e fragilidade". <i>História Revista</i> 7(1/2): 1-21.</p> <p>David D. Roberts (1995). Nothing but History. Reconstruction and Extremity after Metaphysics. Berkeley: University of California Press, 22-39 [Cap. 2: "Tentative Steps into History: From Vico to Dilthey"].</p> <p>David A. J. Telman (1993). <i>Clio Ascendent. The Historical Profession in Nineteenth-Century Germany</i>. Tese de doutorado, Cornell University, 1-24 [Intro (trecho)].</p>
17.04	Historicidades não-humanas	<p>OBR.</p> <p>Peter Hanns Reill (2005). <i>Vitalizing Nature in the Enlightenment</i>. Berkeley: University of California Press, 1-31 [Intro + Prólogo: "The Humboldt Brothers confront Nature's Sublimity"].</p> <p>COMP.</p> <p>Maurice Mandelbaum, <i>History, Man, and Reason. A Study in Nineteenth-Century Thought</i>. Baltimore: The Johns Hopkins University Press: 77-111 [Cap. 5: "Evolution and Progress"; Cap. 6: "Social Evolutionism"]</p>
24.04	A historicização das fontes da fé	OBR.

		Thomas Albert Howard (2000). <i>Religion and the Rise of Historicism</i> . W.M. de Wette, Jacob Burckhardt and the Theological Origins of Nineteenth-Century Historical Consciousness. Cambridge: Cambridge University Press, 1-22; 77-111 [Intro + Cap. 3: "De Wette, D.F. Strauss, and the New Christusbild"].
01.05	Feriado	
08.05	A historicização da razão	<p>OBR.</p> <p>Hallhane Machado (2019). <i>Da 'crise na razão' à 'razão na crise'</i>. Goiânia: Ed. UFG, 13-36; 113-117; 152-160 [Intro + Cap. 1 (trechos) + Cap. 3 (trechos)].</p> <p>John H. Zammito (2004). <i>A Nice Derangement of Epistemes. Post-positivism in the Study of Science from Quine to Latour</i>. Chicago: The University of Chicago Press, 1-5; 90-122 [Intro + Cap. 4: "Doing Kuhn One Better? The (Failed) Marriage of History and Philosophy of Science"].</p> <p>COMP.</p> <p>Carl Page (1995). <i>Philosophical Historicism and the Betrayal of First Philosophy</i>. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 11-44 [Cap. 1: "From the Logic of History to the Historicity of Reason"].</p>
15.05	<i>Apresentações – Prévias dos trabalhos finais</i>	
22.05	INTH (sem aula)	
29.05	Relativismo	<p>OBR.</p> <p>Katherina Kinzel (2020). "Relativism in German Idealism, Historicism and Neo-Kantianism", in: <i>Routledge Handbook of Philosophy of Relativism</i>, org. Martin Kusch. Londres: Routledge, 69-78.</p> <p>Gunter Scholtz (2011). "O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX". <i>História da Historiografia</i> 6, 42-63.</p> <p>COMP:</p> <p>Martin Kusch (2020). "Introduction: A Primer on Relativism", in: <i>Routledge Handbook of Philosophy of Relativism</i>, org. Martin Kusch. Londres: Routledge, 1-7.</p> <p>Zachary S. Schiffman (1991). <i>On the Threshold of Modernity. Relativism in the French Renaissance</i>. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1-24 [Cap. 1: "The Problem of Relativism"].</p> <p>Patrick Gardiner (1981). "German Philosophy and The Rise of Relativism". <i>The Monist</i> 64(2): 138-154.</p>

05.06	A crise e a “destruição” heideggeriana	<p>OBR.</p> <p>Charles Bambach (1995). <i>Heidegger, Dilthey and the Crisis of Historicism</i>. Ithaca: Cornell University Press, 1-20; 187-203; 238-266 [Intro: “Modernity and Crisis” + Cap. 5: “The Young Heidegger’s ‘Destruktion’ of Historicism”].</p> <p>COMP.</p> <p>Allan Megill (1997). “Why was there a Crisis of Historicism?”. <i>History and Theory</i> 36(3): 416-429.</p> <p>Herman Paul (2008). “A Collapse of Trust: Reconceptualizing the Crisis of Historicism”. <i>Journal of the Philosophy of History</i> 2(1): 63-82.</p> <p>Reinbert Krol (2010). “Friedrich. Meinecke: Panentheism and the Crisis of Historicism”. <i>Journal of the Philosophy of History</i> 4: 195-209.</p> <p>David D. Roberts (1995). Nothing but History. Reconstruction and Extremity after Metaphysics. Berkeley: University of California Press, 111-152 [Cap. 6: “Heidegger: Historicism, Disengagement, Holiness”].</p>
12.06	Anti-historicismos	<p>OBR.</p> <p>David N. Myers (2003). <i>Resisting History. Historicism and its Discontents in German-Jewish Thought</i>. Princeton: Princeton University Press, 1-34 [Intro + Cap. 1: “Jewish Historicism and its Discontents”].</p> <p>Heinz Dieter Kittsteiner (1986). “Walter Benjamin’s Historicism”. <i>New German Critique</i> 39: 179-215.</p> <p>COMP.</p> <p>Liisi Keedus (2015). <i>The Crisis of Historicism. The Early Political Thought of Hannah Arendt and Leo Strauss</i>. Cambridge: Cambridge University Press, 12-27; 131-134 [Cap. 1: “An Untimely Generation” (trecho); Cap. 3: “History and Politics: An Ambivalent Symbiosis” (trecho)].</p> <p>David N. Myers (2021) “Historicism through the Lens of Anti-Historicism: The Case of Modern Jewish History”, in: <i>Historicism: A Travelling Concept</i>, orgs. Herman Paul and Adriaan van Veldhuizen. Londres: Bloomsbury, 15-34.</p> <p>Carl Page (1995). <i>Philosophical Historicism and the Betrayal of First Philosophy</i>. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 1-10 [Intro].</p>

19.06	Críticas e reapreciações (1)	<p>OBR.</p> <p>Dipesh Chakrabarty (2000). <i>Provincializing Europe. Post-Colonial Thought and Historical Difference</i>. Princeton: Princeton University Press, 3-23; 237-255. [Intro: “The Idea of Provincializing Europe” + Epílogo: “Reason and the Critique of Historicism”].</p> <p>Mark Bevir (2015). “Historicism and Critique”. <i>Philosophy of the Social Sciences</i> 45(2): 227–245.</p> <p>COMP.</p> <p>Samuel Knafo & Benno Teschke (2020). “Political Marxism and the Rules of Reproduction of Capitalism: A Historicist Critique”. <i>Historical Materialism</i> 29(3): 54-83.</p>
26.06	Críticas e reapreciações (2)	<p>OBR.</p> <p>Joseph Margolis (1993). The Flux of History and the Flux of Science. Berkeley: University of California Press, 1-10; 164-172; 188-206 [Prólogo + Cap. 7: “Two Modes of Reality” (trechos) + Epílogo: “Historicism”].</p> <p>Sérgio da Mata (2008). “Elogio do historicismo”, in: <i>A dinâmica do historicismo. Revisitando a historiografia moderna</i>, orgs. Flávia Varella et al. Belo Horizonte: Argumentvm, 49-62.</p> <p>COMP.</p> <p>Frank Ankersmit (2012). <i>Meaning, Truth, and Reference in Historical Representation</i>. Ithaca: Cornell University Press, 1-28 [Cap. 1: “Historicism”].</p> <p>Aviezer Tucker (2022). “Historicism Now: Historiographic Ontology, Epistemology and Methodology Out of Bounds”. <i>Journal of the Philosophy of History</i> 16(1): 92-121.</p>
03.07	Entrega dos trabalhos finais	
10.07	Resultados	